VITÓRIA, VITÓRIA!

À conversa com...

ENTREVISTA **SARA RODI**

"A IMAGINAÇÃO PODE SER UMA BOA FORMA DE LIDARMOS COM TUDO ISTO"

Sara Rodi nasceu no Porto, em 1978, rodeada de histórias que a mãe lhe lia e que as vizinhas lhe contavam. Descobriu cedo a magia da escrita e nunca mais a largou: é escritora, argumentista e mãe de quatro filhos.

Expressinho (E) - Escreveu o primeiro livro aos seis anos. O que a motivou? A partir daí, nunca mais se separou desta paixão...
Sara Rodi (SR) – Sempre fui uma criança sonhadora, que imaginava mundos à sua volta. Aos seis anos tive um sonho especial, com um pico que eu tirava do dedo e se tornava meu amigo, e decidi transformar essa história em "livro", com a ajuda da minha mãe. Entregá-lo depois às pessoas de quem mais gostava foi outra experiência mágica. Percebi que as palavras não tinham só impacto em mim. Podiam mudar também a vida dos outros, fazê-los sorrir, torná-los melhores...

E – Até onde vai o poder da palavra e, neste sentido, qual o papel mais nobre do escritor?
SR – Os escritores podem escrever por muitos motivos. Às vezes, só porque precisam de escrever. Mas, entendendo o poder das palavras, e o impacto que elas terão nos outros, não há como não respeitá-las e cuidar delas muito bem. Há muitos livros que mudam vidas, e há inclusive livros que mudam o curso da História.

E – A inspiração pode chegar fora de horas? De onde surge?
SR – "De onde vêm as ideias?", perguntam-me muitas vezes os mais novos, quando faço sessões nas escolas. Não tenho resposta para essa pergunta. O que lhes digo é que devem ler bastante, observar bastante, pensar bastante... e é possível que, dentro ou fora deles, lhes surjam boas ideias. As minhas chegam sem aviso. Às vezes a horas impróprias, sim. Muitas vezes até em sonhos. E, às vezes, se eu não as apanho, elas continuam a sua viagem e vão bater à porta de outra pessoa qualquer. Temos de estar recetivos. E ser proativos.

E – Com quatro filhos, como gere o dia a dia para conciliar o trabalho e a família, nomeadamente no tempo em que estamos a viver?
SR – Os meus filhos são uma enorme fonte de inspiração. Roubam-me muito tempo e energia para escrever para os adultos, mas fizeram-me descobrir a escrita para crianças. Os tempos que vivemos são estranhos para todos, mas acredito que a imaginação pode ser uma boa forma de lidarmos com tudo isto. Todos os dias fazemos o nosso momento de leitura, em família, e eu partilho muito com os meus filhos as ideias que tenho para os próximos livros.

E – Das dezenas de livros que já escreveu, qual deles se adaptaria melhor à fase que estamos a (ultra)passar?
SR – Ironicamente, escrevi em tempos um livro chamado "Para onde foram as crianças?", onde um grupo de idosos se juntava para trazer as crianças de volta à rua. Hoje, pedimos às crianças que fiquem em casa. Mas espero que, quando tudo isto passar, elas voltem a brincar nas ruas e voltem a fazer as delícias dos mais velhos.
Outra coleção que recomendo, a partir dos 8-10 anos, é a "Escola das Artes", com três volumes publicados. Conta a história de quatro irmãos que, por circunstâncias familiares adversas, vão ter de se mudar para um colégio interno. A forma como eles lidam com as adversidades, e se unem para superar as dificuldades, pode dar algumas pistas para os tempos que se avizinham...

No Parapeito da Janela

Há três semanas que o António espreitava o mundo através da janela do seu quarto. A rua onde, muitos dias antes, as crianças jogavam à bola, estava agora vazia, em silêncio.
– Estás bem, António?
A mãe falava incrivelmente baixo, por aqueles dias. Já a ele, parecia que lhe tinham tirado o som. A mãe estava preocupada, e o António sabia, sem que ninguém lho tivesse explicado, que não devia interromper as preocupações dos adultos. Podia aliviar as preocupações, isso sim, se abraçasse a mãe ou a ajudasse a fazer o que tinha de fazer. Mas sem palavras. Devia guardá-las para o momento certo. O problema é que a mãe não parava de se preocupar, e o seu momento certo nunca mais chegava.
Foi assim que o António aprendeu a falar para dentro. Falava para dentro com a mãe, mas também falava para dentro com o limoeiro da sua rua. Afinal de contas, ele também falava para dentro. Estava, tal como ele, preso àquele lugar. Ele do lado de dentro da sua casa, o limoeiro do lado de fora. Também estranhando, certamente, a ausência do riso das crianças e das bolas a saltar...
Estava colado ao vidro da janela, pensativo, quando um caracol se abeirou do parapeito da sua janela. O António olhou-o, curioso, e disse-lhe "olá" em silêncio. Mas o caracol estava com fome de conversa...
– Porque é que as ruas estão tão vazias?
– Não sabes? – perguntou o António, falando por fim. – As ruas tornaram-se perigosas. Temos todos de ficar em casa.
– A sério? – lamentou-se o caracol. – Mas eu ainda agora saí da minha. Acabei de acordar para receber a primavera.
– Ah, hibernaste? – percebeu o António.
– Sim, estava muito frio. Então eu fiquei quietinho, dentro da minha casa, à espera do bom tempo.
– Eu também estou fechado em casa, à espera da altura certa para sair. Mas não posso ficar muito quieto. A minha mãe diz que tenho de fazer exercício. E comer bons alimentos, para ficar forte e saudável.
– Eu não como, quando estou hibernado. Só fico parado.
– E em que é que pensas, quando paras? – questionou o António.
– Penso no dia em que vou sair da minha casa, e vou estar com os outros caracóis.
– Então temos isso em comum...
– E dizes tu que é melhor enfiar-me novamente em casa? – questionou o caracol.
– Tu não precisas. São só os humanos.
– Ah! Mas não te preocupes. Um dia também vai chegar o teu momento certo para saíres de casa. Só tens de ser paciente.
– Tu deves ter muita paciência, caracol. És tão lento!
– Sabes que a pressa nem sempre nos leva onde podemos ir. E não nos deixa saborear a viagem.
– E para onde vais tu agora, caracol?
– Vou por aí, na direção daquele limoeiro que vês ali ao fundo.
– Então levas-lhe um recado meu? Diz-lhe que tenho gostado muito de conversar com ele.
– Aposto que ele também tem gostado muito de te ouvir. Mas olha... sabes que eu sou muito lento. Se esperares pelo momento certo para saíres de casa, talvez ainda chegues lá primeiro do que eu! Que assim seja...

Conto: Sara Rodi
Ilustração: Cristiana Resina
Em exclusivo para o Expressinho